

**ANÁLISE CONTRASTIVA DOS USOS DAS FORMAS “A GENTE” E “NÓS” NA FALA
E NA ESCRITA DA CIDADE DE UBERABA**

**ANALISIS CONTRASTIVA DE LOS USOS DE LAS FORMAS “A GENTE” Y “NÓS” EN
LA HABLA Y EN LA ESCRITURA DE LA CIUDAD DE UBERABA**

Marcelo Alexandre Teodoro¹

Recebido em: 15/06/2019

Aprovado em: 20/07/2019

Publicado em: 25/07/2019

Resumo: O jeito de falar do mineiro é extremamente discutido e comentado por apresentar peculiaridades, traços que são marcantes. Logo, é necessário que se realize uma pesquisa sociolinguística visando uma abordagem científica do tema. Neste estudo objetivamos comparar as ocorrências da expressão “a gente” confrontando com o uso do pronome “nós”. Para isso foi montado dois corpus distinto, um com textos produzidos por alunos do ensino médio, totalizando 83 textos. Estes textos foram selecionados aleatoriamente. Além deste corpus, realizamos entrevistas gravadas mediante a autorização com alunos também do ensino médio. No total entrevistamos dez alunos do gênero masculino e dez do gênero feminino. Cabe mencionar que este trabalho possui aprovação do comitê de ética da UFTM, visando garantir o anonimato dos informantes bem como não gerar nenhum tipo de constrangimento aos mesmos. De posse do material analisamos as ocorrências com a finalidade de gerar tabelas e gráficos para melhor interpretação dos resultados. Foi possível perceber que a variação entre a expressão “a gente” e do pronome “nós” é frequente, tanto na fala como também na escrita.

Palavras-chave: Variação Linguística; Escrita; Fala; Português Mineiro.

Resumen: La forma de hablar del minero es extremadamente discutido y comentado por presentar peculiaridades, rasgos que son marcantes. Por lo tanto, es necesario que se realice una investigación sociolingüística para un enfoque científico del tema. En este estudio pretendemos comparar las ocurrencias de la expresión "a gente" confrontando con el uso del pronombre "nós". Para ello fue montado dos corpus distinto, uno con textos producidos por alumnos de la enseñanza media, totalizando 83 textos. Estos textos fueron seleccionados aleatoriamente. Además de este corpus, realizamos entrevistas grabadas mediante la autorización con alumnos también de la enseñanza media. En total entrevistamos diez alumnos del género masculino y diez del género femenino. Cabe mencionar que tanto este trabajo tiene la aprobación del comité de ética de la UFTM, buscando garantizar el anonimato de los informantes así como no generar ningún tipo de constreñimiento a los mismos. En posesión del material analizamos las ocurrencias con la finalidad de generar tablas y gráficos para mejor interpretación de los resultados. Es posible percibir que la variación entre la expresión "a gente" y el pronombre "nós" es frecuente, tanto en el habla como también en la escritura

Palabras-clave: Variación Lingüística; Escritura; Habla; Portugués Minero

¹ Licenciado em Letras Português/Espanhol, Mestre em Educação, atualmente é professor de Língua Portuguesa da rede estadual do Estado de Minas Gerais, Supervisor do PIBID/UFTM de Língua Portuguesa. ORCID. 0000-0001-9610-6528. E-mail: marcelouftmletras@gmail.com.

TEODORO, M. A.

1. INTRODUÇÃO

Algumas pesquisas na área de Sociolinguística estão sendo realizadas no estado de Minas Gerais, como a de Ramos (2007)², e visam identificar aspectos característicos do português mineiro. Dessa forma, investigar os traços linguísticos típicos da fala uberabense é relevante, pois, além de contribuir para o levantamento de informações sobre o Português Mineiro, também possibilitará a reunião de peculiaridades da fala da comunidade de Uberaba.

Partindo desse princípio, analisamos, neste artigo, os usos das formas **NÓS** e **A GENTE**, na função de sujeito da oração, no português falado e escrito pela comunidade urbana de Uberaba/MG, mais especificamente entre em textos de adolescentes com idade entre quinze e dezoito anos de idade, que estejam matriculados em uma das séries do ensino médio. Para atingirmos nossos objetivos, inicialmente faremos uma sucinta revisão da teoria da variação linguística e de estudos sobre as formas **NÓS** e **A GENTE**. Em seguida, após apresentarmos o *corpus*, discutiremos os resultados obtidos.

2. AS FORMAS NÓS E A GENTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Sob a perspectiva da Sociolinguística, a língua é estudada em seu uso real. Sendo assim, nesta pesquisa, buscamos investigar o emprego de **NÓS** e **A GENTE** em situações reais de fala e escrita. Acreditamos que a:

[...] sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. O sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. (MARTELOTTA, 2009, p.141)

Estudos recentes (por exemplo, OMENA, 1986; LOPES, 1998 entre outros), na área da Teoria da Variação, têm se dedicado a análise da expressão **A GENTE** e o pronome **NÓS** e apontam para uma variação linguística, demonstrando o caráter adaptativo da língua de acordo com as necessidades dos falantes.

Na fala, entre esses trabalhos, destacamos estudo realizado por Omena (1986) sobre o pronome **NÓS** e a expressão **A GENTE** no falar carioca, em que argumenta que alguns fatores linguísticos, que condicionam o uso dessas formas, são, praticamente, os

² Ramos (2007) coordenou um projeto, financiado pela FAPEMIG, que estuda o “mineirês” de Belo Horizonte.

TEODORO, M. A.

mesmos, tanto para os falantes com pouca escolaridade, quanto para os de formação universitária completa. O processamento da mudança linguística nos dois grupos, entretanto, está ocorrendo de forma diferenciada. Nos falantes com pouca escolaridade (OMENA, 1986) a substituição do pronome **NÓS** pela expressão **A GENTE** encontra-se em um estágio mais avançado que entre os falantes mais escolarizados. Estes últimos – homens e mulheres de meia-idade – por sofrerem pressões sociais maiores, em função de suas atividades profissionais, estão, talvez, retardando a efetivação da mudança.

Outros estudos, como de Lopes (1998), que analisou o português falado culto do Brasil, destacam algumas tendências gerais quanto ao uso de **NÓS** e **A GENTE**:

A) numa sequência discursiva, a forma **A GENTE** ocorre quando precedida de outra forma **A GENTE** ou verbo na 3ª pessoa do singular, sem sujeito explícito. O mesmo acontece com o pronome **NÓS** que tende a se repetir no paralelismo discursivo. Entretanto, quando o referente é outro, a forma escolhida pelo falante também se altera;

B) existe uma diferenciação no uso de **NÓS** e **A GENTE** em relação a um emprego mais restrito ou mais genérico. O falante utiliza preferencialmente o pronome **NÓS** para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (não-eu), ou a não-pessoa: referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante estende a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma **A GENTE**.

c) ao lado dos tempos verbais não-marcados e o presente encontramos mais o emprego de **A GENTE** (formas [-salientes]), enquanto ao lado de formas do futuro e do pretérito perfeito e os tempos do subjuntivo há uma predominância de **NÓS** (formas [+salientes]);

d) Os falantes jovens utilizam com maior frequência a forma **A GENTE** e os falantes idosos, a forma **NÓS**. Os adultos, com formação universitária completa, segundo Lopes, estão utilizando as duas formas;

e) as mulheres tendem a usar mais a forma **A GENTE** do que os homens.

Como podemos verificar, nos itens (a)-(e), Lopes (1998) considera, em sua análise, vários fatores extralinguísticos e os ambientes linguísticos que podem condicionar o uso de **NÓS** e **A GENTE** na função de sujeito. Destacamos o item (e), em que Lopes aponta que as mulheres aparecem inovando com o uso de **A GENTE**, e por meio da escola básica e da família, elas conduzem os membros da sociedade aos primeiros contatos com a linguagem, iniciando o processo de mudança linguística.

TEODORO, M. A.

Franceschini (2009), por sua vez, realizou uma investigação sobre essas duas formas em um *corpus* composto por entrevistas dos falantes de Concórdia – SC, e apontou os fatores linguísticos e sociais como condicionadores do uso de uma ou de outra forma, dentre os mais relevantes, temos: saliência fônica, escolaridade, sexo, idade, tempo verbal e determinação do referente. A autora destaca ainda que trabalhos recentes sobre o pronome **NÓS** e a expressão **A GENTE** enfatizam a influência do fator linguístico “eu ampliado”. Franceschini (2009) menciona ainda que entre os fatores linguísticos analisados, a saliência fônica foi o grupo mais relevante, observando-se que a maior diferença fônica privilegia a forma **NÓS**, enquanto a menor, favorece **A GENTE**.

Com relação à determinação do sujeito, a linguista tinha a hipótese de que o falante utiliza, preferencialmente, a forma **NÓS**, para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (não-eu), ou seja, a forma **NÓS** apresentaria um sentido mais determinado. E quando o falante ampliasse a referência, indeterminando-a haveria um maior favorecimento da forma **A GENTE**. Os resultados mostrados por Franceschini (2009) comprovam suas hipóteses, porém, a autora não exclui que a forma **A GENTE** também possa ser utilizada em determinados contextos com o sentido menos ampliado.

O fator linguístico “tempo verbal” também foi analisado por Franceschini (2009). Nesta análise, os tempos presentes, pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo apareceram com maior frequência. A autora justificou o predomínio desses tempos verbais devido ao fato das entrevistas serem relatos de experiências pessoais ou relatos de casos passados. As maiores ocorrências do presente prevaleceram com a expressão **A GENTE**, e o pronome **NÓS** com os tempos do pretérito.

Para a linguista, quanto aos fatores sociais, constatou-se que a faixa etária é bastante relevante nesse estudo de variação linguística. Os resultados confirmaram que os jovens usam mais a forma **A GENTE**, e à medida que a idade aumenta diminui o uso dessa forma (na fala das pessoas de maior idade prevalece à forma **NÓS**). Os resultados de Franceschini (2009) corroboraram com os resultados de Omena (1986). Quanto ao gênero, houve maior prevalência da forma **A GENTE** na fala dos homens e nas mulheres, o **NÓS**.

Maia (2009), em seu estudo “A Variação de **NÓS/ A GENTE** no Dialeto Mineiro”, conclui que a forma **A GENTE** é mais favorecida que a forma **NÓS** pelo traço mais ampliado. Entretanto, os resultados apontam que há espaço para a referência da forma

TEODORO, M. A.

NÓS no sentido mais ampliado ou mais genérico. Dessa forma, entendemos que as duas formas podem ocorrer com o mesmo sentido, mas a forma **A GENTE** prevalece.

No estado de Goiás, Mattos (2013), analisou na fala, o fator concordância entre o pronome **NÓS** e da expressão **A GENTE**, constatando a preferência pela expressão **A GENTE**, um total de 73% dos informantes: “em Goiás, como de resto nas localidades brasileiras já descritas em pesquisas variacionistas, predomina o uso da expressão **A GENTE**.” (MATTOS, 2013, p.117).

Em estudos mais recentes como de Pacheco (2014), foi verificada a alternância do pronome **NÓS** e da expressão **A GENTE** como nota-se em seus resultados:

A frequência de “a gente” no português brasileiro de Aceguá (58,6% ou 63,4%) encontra-se mais avançada do que no português uruguaio (29.3% ou 49,1%), respectivamente na análise com todos os colaboradores ou na análise sem os casos categóricos de “nós”. (PACHECO, 2014, p.285).

Em um estudo recente na cidade de Uberaba, intitulado *O uso das formas “nós” e “a gente” em textos escolares*, (TEODORO; BARBOSA, 2015), realizado na comunidade uberabense, foi observada a variação da expressão **A GENTE** e o pronome **NÓS** na escrita, e revelou que o processo de variação se encontra bastante avançado também na escrita, 50% das ocorrências foram com a expressão **A GENTE**.

Assim, como pudemos observar pelo exposto, nas últimas décadas, diversos trabalhos, principalmente analisando a modalidade falada em diferentes regiões, têm sido realizados sobre a da forma **A GENTE** como uma variante do pronome de 1ª pessoa no plural **NÓS**. Tais pesquisas de caráter variacionista ou limitam-se à investigação das características sociais, sem levar em consideração os fatores linguísticos que favorecem o uso dessa variável (LEMOS MONTEIRO, 1991), ou tomam por base apenas a fala de classes sociais menos escolarizadas (OMENA, 1986). Por isso, torna-se justificável uma análise contrastiva observando a alternância do uso do pronome pessoal **NÓS** e da expressão **A GENTE** no português falado e escrito de Uberaba/MG, que leve em consideração aspectos linguísticos e extralinguísticos da língua e que possa contribuir na caracterização no português mineiro contemporâneo.

Cabe ressaltar que as gramáticas normativas do português não apresentam uma posição coerente e única sobre o uso da expressão **A GENTE**. A classificação é, em geral, controversa, pois ora consideram **A GENTE** como pronome pessoal, ora como

TEODORO, M. A.

forma de tratamento, ou ainda como pronome indefinido, comentando-a apenas em notas de rodapé (LOPES, 1998, p.2).

Dessa forma, para o desenvolvimento desta pesquisa, partimos das hipóteses apontadas em pesquisas como de Omena (1986) e Lopes (1998) – e outros autores citados anteriormente – que demonstram haver uma variação no uso das formas **A GENTE** e **NÓS** no PB.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E MONTAGEM DE CORPUS

Esta pesquisa analisará as ocorrências da forma **A GENTE** e do pronome **NÓS** no português falado e escrito na comunidade de Uberaba/MG, mais especificamente na fala e na escrita de adolescentes com idade entre quinze e dezoito anos de idade que estejam matriculados em uma das séries do ensino médio.

Para isso, a primeira etapa desse trabalho é selecionar as entrevistas e textos que se encontram disponíveis no banco de dados do GEVAR (Grupo de estudos Variacionistas) do Curso de Letras da UFTM. É fundamental lembrar que a metodologia tem um papel primordial dentro do modelo teórico da sociolinguística quantitativa (cf. LABOV, 1972). Ela é composta de vários estágios, dentre os quais destacam - se:

- (i) Seleção de informantes;
- (ii) Identificação das variáveis linguísticas e suas variantes;
- (iii) Processamento dos números, visto que se trata de uma análise estatística;
- (iv) Interpretação dos resultados, analisando os possíveis fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre outra.

Como a metodologia utilizada nesta pesquisa tem como base o modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa, faz-se necessário o levantamento de um *corpus* de língua falada e de língua escrita, que represente adequadamente a comunidade urbana de Uberaba.

A montagem do corpus deste trabalho foi composta de duas etapas distintas. A primeira focalizou a montagem de um corpus de língua escrita. Para isso, coletamos textos produzidos por alunos que se encontravam matriculados no ensino médio. A elaboração desses textos ocorreu a partir de uma proposta para a produção textual que

ISSN: 2359-1069. Revista Iniciação & Formação Docente (online) 2019; 6 (1): 57-69

TEODORO, M. A.

solicitava que os alunos escrevessem uma carta à Branca de Neve. Este tema foi adaptado do site do *portal do professor* e se encontra no anexo 1, deste artigo.

A justificativa da escola do gênero e do tema foi à tentativa de proporcionar um contexto de escrita menos monitorado (LABOV, 2008). Além disso, era preciso uma situação que o autor do texto se colocasse na condição de utilizar tanto o pronome **NÓS** quanto à expressão **A GENTE**. Após a adaptação do tema foi aplicada a proposta de redação em seis turmas do ensino médio, ou seja, duas turmas de cada série que somaram um total de oitenta e três textos.

A segunda etapa da montagem do corpus envolveu a parte da fala. Para isso, realizamos gravações de entrevistas semiestruturadas, segundo o roteiro proposto por Viegas (2001), que consta do Anexo 2. Foram realizadas vinte entrevistas, sendo dez do gênero masculino e dez do gênero feminino. Com a finalidade de manter a homogeneidade do corpus da pesquisa, os entrevistados também foram selecionados de acordo com sua escolaridade, ou seja, todos os participantes se encontram matriculados no ensino médio.

Após a gravação das entrevistas e a aplicação das redações, foram realizadas as transcrições ortográficas. De posse do material, iniciou-se o procedimento de recortar as ocorrências da expressão **A GENTE** e do pronome **NÓS**. Lembramos também que este trabalho possui autorização do CEP/UFTM, (pedido de extensão do protocolo 1509) e que todas as entrevistas e produções textuais foram realizadas após a devida autorização dos pais e responsáveis dos informantes.

É importante ressaltar que se os informantes foram selecionados aleatoriamente, por outro lado, os recortes (a escolha do fenômeno analisado, por exemplo) e a escolha dos fatores extralinguísticos, não. Tais fatores são controlados. A variável linguística, no caso a variável extralinguística, é entendida como um elemento variável interno ao sistema e controlada por uma única regra. Na Teoria Variacionista, geralmente, são selecionados informantes dos sexos masculino e feminino – como é o caso desta pesquisa –, pertencentes ao mesmo grau de escolaridade (de acordo com os objetivos de cada pesquisa), segundo a sua classe social e a sua idade (a fim de observar o movimento da mudança entre as gerações).

TEODORO, M. A.

Assim, após a montagem do corpus de seleção dos dados, analisamos, quantitativa e qualitativamente, as ocorrências de **NÓS** e **A GENTE** da modalidade falada e da modalidade escrita, a partir dos seguintes grupos de fatores:

Variável dependente: NÓS vs. A GENTE. O termo considerado por teóricos como Tarallo (2000) designado como *variável* será sempre o fenômeno que se encontra em processo de variação, no caso deste trabalho, as variáveis dependentes são o uso do pronome **NÓS** em oposição a expressão **A GENTE**. Segundo o linguista as “variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. “(TARALLO, 2000, p.08)”.

Variável independente: A variável independente é formada pelos grupos a serem analisadas as ocorrências das variáveis dependentes que são externos a língua. Estes grupos são escolhidos de acordo com fenômeno analisado, pois determinados fatores podem influenciar ou não determinados fenômenos. Neste estudo, a variantes independentes são:

(i) Gênero: analisamos os gêneros, “masculino” vs. “feminino”. Quanto ao gênero, cabe ressaltar que serão utilizados entrevistas e textos de homens e mulheres, visto que, segundo Mattos (2013, p.116), com relação a sexo/gênero dos falantes, temos mulheres favorecendo o **A GENTE** e homens desfavorecendo esse uso (0,41).

(ii) Traço semântico do referente ([+] ou [-] eu-ampliado): analisamos nossas ocorrências seguindo esquemas propostos em outros trabalhos (cf. LOPES, 1998), baseados em dois extremos: o grau máximo de inclusão do "eu" e o grau mínimo de inclusão do "eu".

(iii) Concordância Verbal: foi observado se ocorre à concordância ou não, seguindo o que foi postulado por Castilho (2012) “a concordância é a conformidade morfológica entre uma classe (nesse caso o verbo) e seu escopo (neste caso o sujeito)” (p.411), ou seja, a regra geral segundo Ernani e Nicola (2002) “o verbo e o sujeito devem concordar em número e pessoa” (p.191), assim, observamos as mudanças que podem ocorrer na produção

TEODORO, M. A.

desses alunos conforme a escolha pelo uso do pronome **NÓS** ou da expressão **A GENTE**, se seguem os padrões normativos ou não.

(iv) Paralelismo formal: (LOPES, 1998): analisamos o Referência 1 e o Referência 2. Esse fator busca analisar a tendência de o falante repetir uma mesma forma, numa sequência discursiva, seja dentro de um sintagma, seja entre orações, por influência, dependendo do fenômeno, de fatores pragmático-discursivos. Por exemplo³:

(01) *"Eh, dizem, dizem, os nutrólogos, né, que "nós" somos um povo que pior comem, né? "Nós" não sabemos nos alimentar, né? E é, e é verd... e é real porque **A GENTE** não tem um mínimo, **A GENTE** não tem a mínima preocupação com a comida..."* (Inquérito 050, Rio de Janeiro / LOPES, 1998).

No exemplo, podemos observar que o usuário escolhe **NÓS** (1ª referência) para designar o brasileiro em geral, incluindo-se nesse contexto. Na sequência do discurso, utiliza novamente o **NÓS** - precedido de **NÓS** (repete a forma). Utiliza depois duas vezes **A GENTE**, o primeiro antecedido por "nós" e o segundo precedido por **A GENTE** (repete a forma).

A fase final da análise variacionista consiste na interpretação dos resultados numéricos, definindo a importância das variáveis por meio da frequência com que ocorrem e quais fatores linguísticos e extralinguísticos são condicionantes para a realização das formas **NÓS** e **A GENTE** no português mineiro falado urbano da cidade de Uberaba.

Como forma de auxiliar a análise das ocorrências, utilizamos um programa de computacional estatístico, afim de avaliar as ocorrências de forma quantitativamente. Este programa é denominado Goldvarb, versão 2001.

4. ANÁLISE DE CORPORA E DISCUSSÕES

Após os procedimentos metodológicos para composição do *corpus*, e realizadas as rodadas necessárias pelo programa Goldvarb, iniciou-se a análise qualitativa, partindo dos dados estatísticos. Apresentamos, primeiramente, com os dados gerais:

³ Exemplo extraído de Lopes (1998).

TEODORO, M. A.

Tabela I: Resultados gerais

	Língua Falada ↓		Língua Escrita ⁴ ↓		Leitura Horizontal →	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
NÓS	03	7%	20	50%	23	28%
A GENTE	40	93%	20	50%	60	72%
Total	43	100%	40	100%	83	100%

Fonte: Dos autores, 2015.

Na Tabela I, podemos observar a discrepância entre os resultados da língua falada e da língua escrita em relação ao fenômeno analisado. Na língua falada, confirmando os resultados de pesquisas anteriores, é nítida a preferência pelo uso da expressão **A GENTE** (93%). Já na língua escrita, observamos uma frequência de uso equilibrado (50%) das formas **NÓS** e **A GENTE**. Este último resultado evidencia que apesar do contexto de escrita escolar, ou seja, uma situação com um grau de monitoramento maior que o da fala espontânea das gravações, já é possível constatar o emprego da forma **A GENTE**. Ou seja, a forma **A GENTE** já pode ser considerada, como aponta Lopes (1986), como uma forma pronominal em uso do português brasileiro mineiro de Uberaba.

Faz-se importante mencionar que estes dados levam-nos a refletir que a expressão **A GENTE**, neste estudo, adquire uma posição prestigiada, ou seja, apesar de não possuir recomendações gramaticais o uso desta expressão demonstra uma valorização devido ao grande número de ocorrências encontradas.

Passaremos agora para as análises de grupos específicos, comparando os resultados encontrados para as duas modalidades, ou seja, na língua falada e na língua escrita. Na tabela II, apresentamos os resultados para o fator gênero, na modalidade escrita:

Tabela II: Grupo de fator “gênero” na escrita

	Língua Escrita ↓			
	FEMININO		MASCULINO	
	Nº	%	Nº	%
NÓS	08	37%	12	66%
A GENTE	14	63%	06	34%
Total		100%		100%

Fonte: Dos autores, 2015.

Constatamos que os dados deste estudo seguem as características de outras regiões brasileiras, em que as mulheres tendem a inovar nas mudanças linguísticas. Entretanto, é importante ponderar que o resultado na célula masculina, na modalidade

⁴ Os resultados da língua escrita podem ser observados no relatório de Iniciação Científica entregue à Pró-Reitoria de Pesquisa da UFTM em julho de 2015 (TEODORO; BARBOSA, 2015).

TEODORO, M. A.

escrita, também apresentou um índice expressivo (34% de uso da forma **A GENTE**). Agora passaremos a comentar os dados da modalidade da língua falada na Tabela III

Tabela III: Grupo de fator “gênero” na fala

	Língua Falada			
	FEMININO		MASCULINO	
	Nº	%	Nº	%
NÓS	03	9%	0	0%
A GENTE	33	91%	07	100%
Total		100%		100%

Como nos resultados anteriores, observamos a tendência do gênero feminino a utilizar as formas inovadoras (no caso, a forma **A GENTE**), como observado na Tabela II. Porém, temos que lembrar que na modalidade de fala espontânea, temos um grau de monitoramento menos o que justifica o alto nível de uso da expressão **A GENTE** e uma preocupação menor com a prescrição gramatical normativa. Já para o gênero masculino, na modalidade de fala, apesar de não ter sido registrada nenhuma ocorrência com o pronome **NÓS**, a forma **A GENTE** também foi pouco empregada (somente 07 ocorrências). Seguindo o estudo de Pacheco (2014), isso pode evidenciar que o “pronome **NÓS** simbolizaria o pronome do conservadorismo [...] no português brasileiro” (p.281).

Outro grupo de analisado foi o traço do referente, ou seja, observamos a relação de grau de proximidade (eu – ampliado ou eu + ampliado), conforme as tabelas IV e V abaixo:

Tabela IV: Grupo de fator eu ampliado “escrita”.

	Língua Escrita			
	[-] genérico		[+] genérico	
	Nº	%	Nº	%
NÓS	13	54%	07	44%
A GENTE	11	46 %	09	66%
Total		100%		100%

Fonte: Dos autores, 2015.

TEODORO, M. A.

Tabela V: Grupo de fator eu ampliado “fala”

	Língua Falada			
	↓			
	[-] genérico		[+] genérico	
	Nº	%	Nº	%
NÓS	-	%	03	12%
A GENTE	19	100%	21	88%
Total		100%		100%

Fonte: Dos autores, 2015.

Na língua escrita (Tabela IV), verificamos a predominância do pronome **NÓS** quando o indivíduo tem a intenção de representar um sujeito menos abrangente, porém o uso da expressão **A GENTE** foi mais produtivo como recurso de indeterminação do sujeito, ampliando assim a referência. Pacheco (2014) afirma que:

No espanhol, a expressão “la(s) gente (s)” permanece com o mesmo sentido de “todo mundo” ou “todas as pessoas” da época do português arcaico. Já no português brasileiro e uruguaio, atualmente, prevalece o uso de “a gente” como primeira pessoa do plural, tanto em contextos de referência genérica quanto em contextos mais específicos, ou como primeira pessoa do singular, em um contexto máximo de especificidade.

A forma la gente ou “a gente” tem a mesma origem latina (gens, gentis) no português e no espanhol. O percurso diferente é que no português, após o processo gramaticalização, o pronome “a gente” passou a designar algo indeterminado e genérico. No espanhol, a correspondência de la gente seria ellos (PACHECO, 2014, p.111).

Dessa forma, os dados apontam para um uso maior da expressão **A GENTE** no sentido mais ampliado [+ ampliado] tanto na língua escrita como na língua falada.

Exemplos:

(02) *Aproveita e traga alguns de seus amigos para se divertirem com a gente [I13, B, 1, F]*

(03) *A gente tava andando na rua de carro - ENTREVISTA 02 F*

Passaremos agora para análise do fator de concordância verbal, nas tabelas VI e VII.

TEODORO, M. A.

Tabela VI: Grupo de fator concordância “escrita”

	Língua Escrita ↓			
	Presença da Concordância (segundo a GT)		Ausência da Concordância (segundo a GT)	
	Nº	%	Nº	%
NÓS	15	47%	05	63%
A GENTE	17	53%	03	37%
Total		100%		100%

Fonte: Dos autores, 2015.

Tabela VII: Grupo de fator concordância “fala”

	Língua Falada ↓			
	Presença da Concordância (segundo a GT)		Ausência da Concordância (segundo a GT)	
	Nº	%	Nº	%
NÓS	03	9%	-	-
A GENTE	31	91%	01	100%
Total		100%		100%

Fonte: Dos autores, 2015.

Ao observar as tabelas acima, notamos o predomínio da presença da concordância, segunda a gramática normativa, para as duas formas. Isso evidencia que a concordância não é um fator condicionantes para a ocorrência de uma ou de outra forma, na fala e na escrita dos adolescentes de Uberaba. Provavelmente isso está associado ao grau de escolaridade, pois como apontam alguns sociolinguistas (como SCHERRE e YACOVENCO, 2011), a concordância tende a ocorrer com maior frequência na fala e escrita de pessoas escolarizadas, neste estudo, todos os informantes estão iniciando o ensino médio.

Ainda sobre os dados da relacionados à concordância, chamou-nos a atenção o fato de que na língua escrita houve um índice de ausência de concordância um pouco mais relevante para o pronome **NÓS** (9%) do que para a fala (0%). Entretanto, ao analisarmos as ocorrências, verificamos que são sentenças em que, provavelmente, o

TEODORO, M. A.

usuário da língua marca a sua variedade linguística no texto (“nós vai pesca”), fazendo do texto escrito uma mera reprodução da fala.

Por fim, abaixo, apresentamos as tabelas com os resultados do último grupo de fator analisado: o paralelismo. Foram identificadas ocorrências que seguem o mesmo padrão, ou seja, apresentam a retomada com o mesmo elemento (referência 1) e ocorrências que realizam a retomada com outro elemento (referência 2), por exemplo o pronome **NÓS** sendo retomado pela expressão **A GENTE**.

Tabela VIII: Grupo de fator paralelismo “escrita”

	Língua Escrita			
	↓			
	Referência 1		Referência 2	
	Nº	%	Nº	%
NÓS	20	64%	-	%
A GENTE	11	36%	09	100%
Total		100%		100%

Fonte: Dos autores, 2015.

Tabela IX: Grupo de fator paralelismo “fala”

	Língua Falada			
	↓			
	Referência 1		Referência 2	
	Nº	%	Nº	%
NÓS	02	12%	01	04%
A GENTE	16	88%	24	96%
Total		100%		100%

Fonte: Dos autores, 2015.

Nessas duas últimas tabelas, podemos verificar a predominância da referência 01(exemplo 04) na língua escrita com a forma **NÓS** (64%), pois o usuário da língua tende a repetir a mesma forma numa sequência discursiva. Porém, na língua escrita, também foi expressiva a referência 2 para a fora **A GENTE**, o que significa dizer que o falante ao usar a forma **A GENTE** na escrita, alterna-a com a forma **NÓS**(exemplo 05). Essa alternância deve ocorrer, pois a forma **A GENTE** ainda não é uma estrutura totalmente aceita na

TEODORO, M. A.

língua portuguesa como um pronome, o que leva o faltante a oscilar no seu emprego. Esse resultado reforça o fenômeno de variação:

(04) - Eu gostaria muito de ir com você para nós fazer esse plano para derrotar os vilões, nós vamos arma um grande plano - I15,B,1,M

(05) Você pode vir para a gente se encontrar aqui na floresta, nós poderíamos entrar em árvores, ocas, pular os rios, passear nos campos – I 21,B,1,F

Para a fala, verificamos que a forma **A GENTE** predomina com referência 1, pois o falante ou tende a repetir a mesma forma numa sequência discursiva ou a fazer a alternância.

(06) - As bricadeiras que nós tínhamos antigamente elas não tem hoje... nós brincávamos de pique... mamãe da rua... - ENTREVISTA 10 F

(07) - Porque... a gente trabalhando cedo é bom... ainda mais a gente que é jovem a gente tendo nosso próprio dinheiro pra comprar as nossas próprias coisas é bom. - ENTREVISTA 09 F

Além disso, observamos ainda que conforme já apontado por Lopes (1998), numa sequência textual, a estrutura **A GENTE** ocorre quando precedida de outra forma **A GENTE**. Semelhante também ocorre com o pronome **NÓS**, que tende a se repetir no paralelismo discursivo. Porém, quando o referente é outro, a forma escolhida pelo falante também se altera.

Como pode ser observado, com esta pesquisa, conseguimos descrever os empregos das duas formas estudadas na fala e escrita de adolescentes de Uberaba. De modo geral, o que podemos concluir é que a forma **A GENTE** está presente na fala dos adolescentes de Uberaba e também já pode ser observada na escrita. Tais resultados confirmam outros já apresentados para distintas regiões do Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou contrastivamente, na fala e na escrita, o uso do pronome **NÓS** e da expressão **A GENTE** em textos de um grupo de alunos do ensino médio da cidade de Uberaba/MG. Por meio de nossos resultados, conseguimos descrever o comportamento dessas formas em uma região específica do Triângulo Mineiro.

TEODORO, M. A.

Os resultados encontrados apontam a variação em estágio avançado, tanto na língua escrita como na língua falada, já que cerca, de 93% dos informantes utilizaram a expressão **A GENTE** na língua falada e 50% das ocorrências na língua escrita.

Quanto ao gênero, manteve-se o caráter inovador do gênero feminino tanto na modalidade falada, apresentando índices de 91%, ficando apenas a modalidade escrita em que o gênero masculino mantém um índice elevado com 66% das ocorrências.

Quanto à presença da concordância os dados, revelaram-se muito favoráveis a presença da concordância com a expressão **A GENTE** nas duas modalidades analisadas, com índices acima de 50 %, e a ausência da concordância apontou um número mais elevado para o uso do pronome **NÓS** na modalidade escrita.

Em relação ao grupo de fator que trata do grau de proximidade utilizado pelos informantes foi constatado que, neste grupo de informantes, houve uma tendência à utilização do pronome **NÓS** para representar um eu [- genérico], enquanto a expressão **A GENTE** apresenta um uso [+ genérico] tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita.

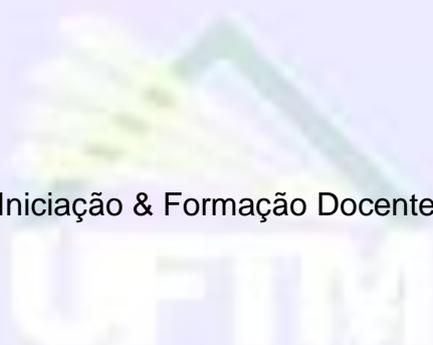
Para o grupo de fator que analisou o uso do paralelismo formal e não formal, houve uma discrepância entre a modalidade de língua falada e de língua escrita em relação ao paralelismo formal, pois, 64% dos informantes preferiram o uso do pronome **NÓS** na escrita que mantém ainda um uso prescrito nas gramáticas normativas, no entanto, na modalidade de língua falada houve 88% das ocorrências demonstrando que nas modalidades com um grau de formalidade menor o fenômeno de variação se encontra bastante avançado.

Dessa maneira, este trabalho torna-se relevante por descrever, como já destacado, um fenômeno que ocorre de forma significativa na região de Uberaba/MG que ainda não possui um olhar científico especificamente na região. Infelizmente, os manuais educacionais (livros didáticos) não tratam de forma adequada fenômenos como este que estão na vida cotidiana dos alunos.

Assim, além de descrever, acreditamos que este estudo possa promover discussões científicas e contextualizar (futuros) professores sobre este fenômeno, evidenciando as características da nossa língua portuguesa, que assim como as outras línguas naturais, é viva e heterogênea.

TEODORO, M. A.

Cabe mencionar outra observação relevante feita ao longo deste trabalho que foi a frequência do uso da forma **NÓS** subentendida pela desinênciã. Apesar de não fazer parte do nosso objetivo principal, esse uso foi perceptível. Acreditamos que este fenômeno ocorra de forma proposital, ou seja, para a manutenção da coesão textual, evitando assim diversas repetições no texto escrito, mas é também um fenômeno passível de investigação.



TEODORO, M. A.

6. REFERÊNCIAS

FRANCESCHINI, L. **O uso dos pronomes pessoais NÓS/A GENTE em Concórdia-SC.** UFPR. **Anais do SILEL.** Uberlândia: EDUFU, 2009.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos.** Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1ª ed.: Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972]

LOPES, C. R. S. Nós e a Gente no português falado culto no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998.

MAIA, F. P. S. A Variação Nós/A Gente no Dialeto Mineiro: investigando a transição. Universidade Federal de Minas Gerais. **Revista Abralín**, 8, n.2. 2009.

MARTELOTTA, M. E. (org). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2009.

MATTOS, S. E. R. **Goiás na primeira pessoa do plural.** 2013. 137 f., il. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

OMENA, N. P. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, Anthony et al. **Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação.** Rio de Janeiro, UFRJ, V. 2, 1986, p.286-319

PACHECO, C. da S. **Alternância nós e a gente no português brasileiro e no português uruguaio da fronteira Brasil - Uruguaí (Aceguá).** 2014. 311 f., il. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SCHERRE, M. M. P, YACOVENCO, L. C.. **A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco.** Revista da ABRALIN, v. eletrônico, n. especial, 1ª parte, p. 121-146, 2011. Disponível em: <<http://www.abralin.org/revista/RVE1/v14.pdf>>. Acesso em: 13 dez.2014.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2000.

TEODORO, M. A. ; BARBOSA, J. B. O uso das formas “nós” e “a gente” em textos escolares. **Relatório Final de IC**, julho de 2015.

Como citar este artigo (ABNT)

TEODORO, M. A. ANÁLISE CONTRASTIVA DOS USOS DAS FORMAS “A GENTE” E “NÓS” NA FALA E NA ESCRITA DA CIDADE DE UBERABA. *Revista Iniciação & Formação Docente*, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

TEODORO, M. A. (2019). ANÁLISE CONTRASTIVA DOS USOS DAS FORMAS “A GENTE” E “NÓS” NA FALA E NA ESCRITA DA CIDADE DE UBERABA. *Revista Iniciação & Formação Docente*, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.